

## **Deficiência e capacitismo: construindo uma comunidade de educadores musicais anticapacitistas**

### **Comunicação**

*Flávia Maiara Lima Fagundes*  
*Universidade do Estado do Rio Grande do Norte*  
*flaviamaia@uern.br*

*Silvia Sobreira*  
*Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro*  
*silvia.sobreira@unirio.br*

**Resumo:** Neste texto é apresentado o recorte de uma pesquisa de doutorado em andamento, cujo objetivo é discutir as questões relacionadas à inclusão nas aulas de música. A pesquisa aqui apresentada faz parte do estudo piloto, que deverá servir como base para o relatório final. Aqui reportamos a análise de entrevistas realizadas com cinco estudantes que estavam inscritos na disciplina Música e Inclusão, do curso de Licenciatura em Música, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Os participantes explicaram os motivos que os levaram a cursar a disciplina e como o assunto discutido nas aulas repercutiu na compreensão sobre inclusão, deficiência e capacitismo. O estudo permite afirmar que, diante a temática que é pouco explorada, conseguimos construir uma comunidade de aprendizes munida de consciência crítica quanto à diversidade humana. É preciso disposição para desafiar e combater o capacitismo cotidianamente, pois a inclusão só será possível a partir da implementação das ações anticapacitistas.

**Palavras-chave:** inclusão; deficiência; capacitismo.

### **Introdução**

Este relato de pesquisa foi escrito a duas mãos, por duas professoras de cursos de Licenciatura em Música, sendo uma delas orientadora do estudo aqui reportado. Esta explicação inicial faz-se necessária devido ao fato de a professora orientadora fazer questão de explicitar seu posicionamento e, por que não, ignorância, com relação à inclusão nas aulas de música, motivo pelo qual, essa primeira parte do relato é escrita em primeira pessoa.

Em minha carreira docente, sempre me senti desconfortável para falar sobre inclusão. Embora consciente da necessidade de abordar tal assunto em minhas aulas, eu me sentia despreparada com relação aos transtornos que poderiam existir e que eu desconhecia (em termos médicos). Em minha concepção equivocada, eu deveria saber tudo sobre autismo, *déficits* de atenção, surdez, cegueira etc. A imensidão de possibilidades sempre me assustou e me impediu de ter coragem de abordar o assunto. Então, quando aceitei a orientação do estudo que diz respeito a este tema, pensei que seria uma boa oportunidade de conhecer mais sobre o assunto. Foi assim que Flávia Fagundes veio fazer seu estágio docente no curso da instituição ao qual sou filiada e ofereceu a disciplina Música e Inclusão, que teve cinco alunos inscritos. O pequeno número de inscrições, a meu ver, é um indicativo de como esse tema ainda é um tabu no meio acadêmico. Penso que assim como eu tinha meus preconceitos, os alunos, eventualmente, teriam os seus, similares ou não aos meus. Então, decidimos fazer um estudo piloto, autorizado pelo Comitê de Ética em pesquisa (Protocolo 70426523.0.0000.5285), e que será reportado a seguir. A partir deste ponto, o texto será escrito na segunda pessoa do plural.

Como professoras de cursos de Licenciatura em Música, nos deparamos cotidianamente com estudantes em formação que se angustiam com a possibilidade de atuação docente em contextos frequentados com pessoas com deficiência. Percebemos isso nas atividades realizadas na graduação em música, principalmente, nos seminários de estágio supervisionado, em que os estudantes relatam sobre suas práticas na educação básica.

Assim, a partir das disciplinas Estágio Supervisionado, dos relatos dos estudantes e do acompanhamento das práticas nas escolas, nos deparamos com situações em que, muitas vezes, as crianças com deficiência não participam ativamente nas aulas de música. Ou seja, é recorrente a falta de protagonismo dessas crianças nas atividades musicais coletivas.

Essas e outras constatações, por exemplo, a falta de conhecimento sobre o que é capacitismo, como ele acontece nos contextos de ensino e aprendizagem musical, como podemos identificá-lo, como podemos combatê-lo, geraram um forte incômodo e tornaram-se elementos para o estudo aqui apresentado. Então surgiu a necessidade de realizar esse estudo piloto a partir do estágio docente da primeira autora deste texto ao ministrar a disciplina de música e inclusão.

Sabemos que os sistemas de ensino devem matricular todos os alunos, cabendo às escolas organizarem-se para o atendimento aos educandos com necessidades educacionais especiais<sup>1</sup> (*sic*), assegurando as condições necessárias para uma educação de qualidade para todos (Brasil, 2001, p. 9-37). A partir dessa obrigatoriedade legal, constatamos que se tornou inevitável nos depararmos com a presença de pessoas com deficiência no contexto da Educação Básica, o que foi uma conquista como resultado da luta dos movimentos políticos das pessoas com deficiência no Brasil (Maior, 2017).

Antes de dar prosseguimento ao assunto, é necessário lembrar que os termos que são usados nos documentos normativos, atualmente não são os mais adequados para se referirem a este de público. É possível perceber os avanços da educação inclusiva na tentativa de garantia dos direitos das pessoas com deficiência e junto a isso, a evolução quanto às nomenclaturas utilizadas para se referir a essas pessoas. Mesmo estando em diversos textos normativos e de diretrizes, para o movimento político das pessoas com deficiência, os termos “necessidades educacionais especiais”, “aluno especial”, “portador de deficiência” ou “deficiente” são compreendidos como termos capacitistas (Fagundes, 2022, p. 129) e deveriam estar em desuso.

Ao pensarmos a inclusão no contexto da Educação Básica, poderíamos sugerir muitas outras discussões relacionadas à inclusão escolar, por exemplo, a maneira como os professores e gestores recebem esses alunos, como as mães e os pais encaminham seus filhos com

---

<sup>1</sup> Termo não mais utilizado.

deficiência para as escolas ou até mesmo o impacto da inclusão na vida cotidiana das crianças com deficiências. O fato é que não podemos responsabilizar os professores e professoras pela inclusão, pois não há um manual com receitas e todas as respostas prontas.

Na seção seguinte, discutimos como o capacitismo está arraigado em nossas condutas sem que percebamos.

## **Capacitismo nosso de cada dia**

Na educação musical tem surgido um interesse sobre o que é capacitismo e as questões que estão imbricadas no termo (Borges, Noletto, 2021; Fagundes, 2022; Jonasson, 2021; Mello, Fagundes; 2021). É real a necessidade de compreender o que é o capacitismo e como ele pode se apresentar no nosso cotidiano, sob diferentes formas e nos mais diversos contextos.

Pensando na área da educação musical e nos ambientes de ensino e aprendizagem em música, sabemos que como educadoras musicais não podemos estar alheias a tal questão. Assim, para iniciar as reflexões, trouxemos aqui questões levantadas por escritores e escritoras com deficiência sobre o capacitismo.

No dia a dia as situações capacitistas podem se manifestar de maneira muito sutil, o que torna difícil identificá-las. Loreto afirma que essas manifestações se revelam por meio de questões como o uso de eufemismos na utilização de palavras que acreditamos ser mais agradáveis ou que podem amenizar o efeito “ruim” do termo “pessoa com deficiência”. Deste modo, é comum utilizarmos palavras como “especial”, “excepcional” ou “anjo” (Loreto, 2021, p. 63).

O autor também cita a expectativa de tutela como uma forma de preconceito, porque nos condiciona a acharmos que uma pessoa com deficiência está sempre precisando de acompanhamento para a realização de todas as suas atividades diárias. O capacitismo também pode vir travestido de bondade e cuidado e pode induzir ações generosas, mas não solicitadas. Isso ocorre quando conduzimos uma pessoa cega sem sua



solicitação, quando empurramos uma pessoa em uma cadeira de rodas sem sua permissão, ou entregamos uma esmola a uma pessoa com deficiência deduzindo que esta está em condição de pedinte (Loreto, 2021, p. 61-72).

Para Vitor Di Marco (2020, p. 18), “capacitismo é a opressão e o preconceito contra as pessoas que possuem algum tipo de deficiência, o tecido de conceitos que envolve todos que compõem o corpo social”. Isso implica em uma sujeição dos corpos com deficiência em razão daqueles sem deficiência. Assim, o capacitismo rejeita a pluralidade, os desejos, as vontades, rotula como ineficiente e incapaz, retira a autonomia dessas pessoas corroborando, assim, para o processo de desumanização da pessoa com deficiência (Marco, 2020, p. 18). Para o autor, o capacitismo faz com que pensemos que as pessoas com deficiência têm “que ficar à deriva da aprovação de pessoas sem deficiência” (Marco, 2020, p. 50), e que a sociedade elogia e valoriza tudo o que vem de um corpo sem deficiência, colocando as pessoas com deficiência em uma caixa de estranhamentos (Marco, 2020, p. 72).

Para Juliana Segalla (2021, p. 18), o capacitismo é a discriminação, o preconceito e a opressão em relação às pessoas com deficiência e as atitudes capacitistas são aquelas que “tentam hierarquizar as pessoas em função da adequação de seus corpos, enxergando os corpos com deficiência como sendo incapazes” (Segalla, 2021, p. 18 e 19). Assim, o conceito de capacitismo é pautado na construção social da ideia de um corpo “perfeito” e da subestimação das aptidões e da capacidade dessas pessoas (Segalla, 2021, p. 19).

Para a autora, o capacitismo é comum e rotineiro na vida das pessoas com deficiência e precisa ser combatido (Segalla, 2021, p. 20). Ser capacitista é entender a pessoa com deficiência como incapaz. Para ela, as atitudes capacitistas passam despercebidas, pois a ideia da deficiência como sinônimo de impossibilidade é enraizada no imaginário popular (Segalla, 2021, p. 19).

Segalla (2021, p. 22 - 23) nos alerta para a urgente necessidade de familiarização com a deficiência e da conscientização sobre o tema do capacitismo, pois precisamos ser agentes transformadores de nossa cultura capacitista e propagadores das premissas anticapacitistas (Segalla, 2021, p. 23).

Ignarra e Saga (2023) afirmam que capacitismo é todo julgamento sobre a capacidade da pessoa com deficiência ao realizar qualquer tarefa que sua deficiência não impediria. Logo, tanto subestimar quanto superestimar essas pessoas são atitudes capacitistas (Ignarra; Saga, 2023, p. 65). Enfatizam que atitudes “bem-intencionadas” podem ser capacitistas mesmo sem a intenção de ser, pois muitos comportamentos se repetem por questões culturais- religiosas e sociais (Ignarra; Saga, 2023, p. 60).

Para os autores, o capacitismo trata-se de uma opressão e uma dúvida sobre a capacidade das pessoas com deficiência, e que este é responsável pela ausência dessas pessoas nos mais diversos espaços (Ignarra; Saga, 2023, p. 61-62). Os autores afirmam ainda que, assim como o racismo e o machismo, a discriminação contra a pessoa com deficiência existe, foi denominada de *ableism* no inglês e se originou a partir da década de 1990 no Estados Unidos, passando a ser usada como capacitismo aqui no Brasil a partir de 2015 (Ignarra; Saga, 2023, p. 60).

## Questões metodológicas

A pesquisa, da qual este texto apresenta um recorte, parte de uma perspectiva que luta para que o processo educativo musical não seja baseado na ênfase nas deficiências ou o enfoque nos diagnósticos e *déficits*, e sim na percepção das diferenças como uma situação inerente à condição humana, estando elas associadas a um diagnóstico ou não. Apostamos em uma educação que possa ser construída com base na complexidade do ser, a partir do pensamento crítico e da flexibilidade. O pensamento crítico exige que todos os envolvidos no processo de aprendizagem estejam engajados (hooks, 2020, p. 35).

Assim, a partir da experiência do estágio docente da doutoranda, traçamos um caminho de discussão sobre a deficiência e o capacitismo, e posteriormente realizamos um estudo piloto, autorizado pelo Comitê de Ética em pesquisa. Com a realização de uma entrevista em formato de grupo focal pudemos ouvir e provocar reflexões a partir das percepções dos estudantes diante a temática e a experiência da disciplina ministrada pela doutoranda.

Os cinco participantes do estudo estão ainda na primeira metade do curso de licenciatura em música. Eles foram entrevistados em conjunto para evitar o desconforto, pois ao mencionarmos a entrevista, percebemos que eles se sentiram, de certa forma, acuados, imaginando que teriam que dar respostas “certas” ou que, talvez, lhes fosse perguntado algo que não saberiam responder. Eles são chamados aqui por nomes fictícios, que foram escolhidos para manter seu anonimato: Eduardo, Gabriel, Magda, Maurício e Poliana. Foi criado um Caderno de Entrevistas (CE) com a transcrição das falas dos estudantes durante a entrevista do grupo focal para que pudéssemos referenciar as citações diretas dos participantes.

A entrevista ocorreu após o encerramento do curso (em julho de 2023) para evitar que eles se sentissem constrangidos com relação à avaliação. Neste sentido, isso foi apenas um cuidado extra, pois a avaliação do curso foi realizada por eles próprios (autoavaliação), não tendo havido qualquer interferência de nossa parte no que diz respeito à nota final.

As perguntas realizadas foram: 1) Em sua visão, qual é a principal dificuldade que uma pessoa com deficiência enfrenta nas aulas de música?; 2) Você poderia explicar, com suas palavras, o que é o capacitismo?; 3) Você sabia o que era capacitismo antes dessas aulas?; 4) O que você achava que ia aprender na disciplina de Música e Inclusão e como ela interferiu em suas atitudes e concepções a respeito da deficiência?

Devido aos limites desta comunicação, nos deteremos nas respostas dadas as questões 2 e 4. A análise completa dessa experiência



será apresentado no exame de pré-qualificação da primeira autora do texto.

## **Construindo uma comunidade de educadoras e educadores musicais anticapacitistas**

Ao iniciar as aulas da disciplina em questão, levantamos uma roda de conversas para tentar conhecer os estudantes e buscar saber o motivo deles se matricularam na disciplina, o que eles entendiam por deficiência, quais eram as questões que os incomodavam, além de como poderíamos construir uma comunidade de aprendizes sobre o ensino e a aprendizagem musical e a inclusão.

A partir das observações iniciais e de algumas falas na entrevista do grupo focal realizada ao final da disciplina, percebemos que a turma tinha uma expectativa de que iria se deparar com uma matéria que fosse extremamente teórica e que iria aprender sobre questões de saúde e de diagnósticos. Isso fica explícito no depoimento a seguir:

Eu também achei isso, ia ser a gente meio que compreender as doenças como se fossemos médicos, de ter procedimento padrão. Até porque eu nunca fiz educação especial, a disciplina que tem aqui do lado [em outro curso], mas quando eu ouvia as pessoas falando era assim, as pessoas falando sobre as doenças, sobre cromossomos, eu ouvia as pessoas falando dessa matéria desse jeito. Pensei: “sobre inclusão, então um bom pedaço da aula vai ser assim” (Eduardo, CE, p. 3).

Dois dos cinco estudantes falaram que além de conhecer mais sobre as doenças, esperavam também aprender como agir no dia a dia e a perceber os problemas. Maurício (CE, p. 3) reporta que “achava que a gente ia falar de um monte de doenças e de como a gente iria agir no dia a dia”. Magda chama atenção para a necessidade de fazer adaptações de acordo com o que for apresentado:

Não só em relação à doença, mas a gente tem agora uma noção de como meio que perceber um “problema” - entre aspas, não para a gente tentar resolver, mas tentar adaptar. Não de estudar sobre cromossomos e tal, agora a gente sabe





mais ou menos a diferença entre uma e outra [se referindo as deficiências], as coisas parecidas, as coisas diferentes, então a gente meio que vai se norteando e aprendendo a adaptar como a professora faz com os alunos dela (Magda, CE, p. 3).

De fato, não podemos nos negar a pesquisar sobre as mais diversas condições, então tivemos algumas aulas em que pesquisamos sobre algumas deficiências a partir dos interesses dos estudantes diante as sugestões da professora. Mas é preciso ter a consciência de que seria humanamente impossível sabermos tudo sobre todas as deficiências, portanto, nossa pesquisa precisa partir da nossa realidade, das necessidades do nosso contexto e da percepção quanto à comunidade de aprendizes que queremos construir com os nossos estudantes. A estudante também se identificou com o compartilhamento de atividades práticas feito pela professora da disciplina.

Os estudantes ainda falaram que as aulas contribuíram para ampliar suas percepções quanto às questões da pessoa com deficiência:

As aulas foram proveitosas. Eu já ajudava as pessoas na rua, agora que a gente está com isso na mente, começa a cair as escamas nos olhos e a gente começa a olhar com uma visão ampla. Hoje eu estava vindo para aula e vi uma pessoa com deficiência visual que estava parada do outro lado da rua e querendo atravessar. Ela queria pegar o 513 e passava um monte de gente do lado dela e ninguém se ofereceu para ajudar. Eu fui lá e ajudei ela, perguntei e dei o braço. Agora a gente fica antenado (Maurício, CE, p. 4).

Os estudantes ainda falaram que a disciplina os aproximou da temática, pois não se viam professores de música atuando em contextos de pessoas com deficiência, e as discussões os fizeram refletir sobre como lidar diante determinadas situações:

Acho que me aproximou muito do tema porque pensar em professor de música dessa forma parecia muito distante se colocar nesse lugar. Acho que na prática os problemas vão se apresentando e a gente vai tentando ajustar, mas já se tornou algo mais próximo (Poliana, CE, p. 4).



Gabriel demonstrou confiança em poder se aproximar da pessoa e procurar perceber suas necessidades:

Acho que não podemos ficar só esperando, [temos que] ir até a pessoa para poder você passar o conteúdo ou perguntar qualquer coisa para ela. Você chega de uma forma mais direta, é meio que não ter medo da pessoa, que no caso, a gente pensa na forma como tratar ela e essa matéria meio que me abriu um leque de como eu posso estar nessa situação com uma pessoa com deficiência (Gabriel, CE, p. 4).

Outro estudante fala que as discussões provocadas no decorrer da disciplina o fizeram compreender a importância de conhecer os alunos das turmas. Ele enfatiza que acha melhor primeiro conhecer os alunos com deficiência, para depois compreender e teorizar sobre o assunto: “Eu acho que o primeiro passo [...] é aprender o que acontece com aquela pessoa, e não sobre cada uma das deficiências” (Eduardo, CE, p. 4). Para este aluno é importante ter um olhar mais humanizado do que ficar teorizando. Ele explica que não adianta “a gente saber muita coisa, muita teoria e na hora de ajudar alguém na rua, talvez ficar sem saber lidar” (Eduardo, CE, p. 4).

No decorrer das aulas, promovemos vários diálogos sobre os preconceitos sofridos pelas pessoas com deficiência. Foram expostos *slides* com imagens que pudessem fazer representações de situações que oprimem essas pessoas. Então, na entrevista pedimos que os participantes pudessem explicar com suas palavras, o que eles entendiam sobre capacitismo. Gabriel explica citando um exemplo de uma generosidade não solicitada (Loreto, 2021, p. 67):

Capacitismo seria a forma de você tratar alguém de um jeito meio que desigual. Por exemplo, você dar uma ajuda que a pessoa não precisa. Um cadeirante pode estar andando com a cadeira de roda na rua e você chegar lá e tentar empurrar a cadeira dele, sendo que ele não precisa e está muito bem ali andando sozinho. A não ser que ele peça ajuda, seria meio que uma forma de agressão nesse contexto (Gabriel, CE, p. 2).

Por outro lado, Poliana afirmou que achava que a palavra tivesse uma conotação positiva sobre a deficiência, e só depois das discussões



nas aulas percebeu a violência que representava o termo, dizendo: “capacitismo é... assim que eu vi essa palavra achei que fosse uma coisa positiva, mas capacitismo é o preconceito mascarado contra as pessoas que tem deficiência (Poliana, CE, p. 2).

Além da generosidade não solicitada já mencionada, Eduardo cita também sua percepção quanto à expectativa de tutela (Loreto, 2021, p.64) e de cuidado.

Quando a professora começou a explicar sobre o capacitismo, eu entendi que muitas vezes o capacitismo dá até uma vontade de ajudar, uma vontade de estender a mão, nasce dessa vontade, mas ao mesmo tempo que dá essa vontade, antes de conhecer e de humanizar essa pessoa a gente já coloca ela num lugar em que vai precisar ser dependente de outra. Eu acho que o capacitismo é essa nossa visão preconceituosa de que alguém com deficiência, seja lá qual for a deficiência, é dependente de outra pessoa para alguma coisa e ficaria acanhada de pedir ajuda, e a gente teria que dar ajuda, facilitar, por causa dessa necessidade de dependência (Eduardo, CE, p. 2).

Maurício, por sua vez, ressalta a questão da autonomia e da subestimação das capacidades:

O capacitismo não dá autonomia para a pessoa fazer aquilo que a gente subestima ela. Ela consegue fazer e a gente às vezes com bons olhos acaba tendo esse preconceito (Maurício, CE, p. 2).

Magda também comenta sobre as dúvidas quanto às capacidades das pessoas com deficiência afirmando que “É isso, achar que a pessoa com deficiência não possa fazer. A gente tem tanta insensibilidade com a pessoa que tem deficiência a pessoa consegue e a gente acha que não” (Magda, CE, p. 2).

É importante considerar que nenhum dos participantes sabia o que era capacitismo antes das aulas. Todos reconheceram que houve uma conscientização sobre as diferentes formas de expressão do capacitismo no cotidiano das pessoas com deficiência, e se mostraram empolgados em



engajar suas práticas pedagógicas musicais numa perspectiva crítica e anticapacitista.

## **Considerações Finais**

É importante compreender a diversidade não apenas a partir de pessoas com algum diagnóstico, e sim toda diferença que possa levar estranhamento e originar uma não adequação aos sistemas educacionais e sociais mais rígidos. Como educadoras, apostamos na percepção, no respeito pela multiplicidade e na conscientização crítica para atuar com flexibilidade, adaptação e criatividade, sempre que se perceba ser necessário.

Os procedimentos pedagógicos musicais devem ter por objetivo o de facilitar o processo da aprendizagem e contribuir para a formação dos indivíduos como ser de totalidade. Desta forma, pensamos na possibilidade de perceber a diversidade como manifestação, e não como uma distorção da natureza humana.

As aulas sobre inclusão nas licenciaturas em música não precisam ser enfadonhas e metódicas, e sim, que sejam com o entrelaçamento entre teoria e prática, e que possam partir dos compartilhamentos das vivências.

Perceber as semelhanças e as diferenças que existem em cada pessoa e aprender a conviver e valorizar as potencialidades de cada ser faz parte do processo de inclusão nas aulas de música. Tal pensamento transcende os aspectos especificamente musicais, uma vez que promove e potencializa a sensibilidade relativa aos acontecimentos que nos cercam.

Todas e todos os educadores musicais podem ser aliados no desenvolvimento de uma cultura mais inclusiva e anticapacitista. A resposta dos alunos entrevistados demonstrou a possibilidade de promover aulas nos quais possamos atuar com flexibilidade e reflexão sobre as diferenças. Para desafiar e mudar o capacitismo é preciso estarmos munidos de consciência crítica quanto à diversidade. Só será



possível desaprender o capacitismo se houver mudança de pensamento e de ação.

Precisamos dar continuidade à luta por uma educação musical que esteja entrelaçada às necessidades humanas, criar cada vez mais espaços de arte e cultura na diversidade, e que este fazer possa ser uma ação não individualizada, e sim, que potencialize as individualidades de cada ser diante a multiplicidade que é ser e estar no mundo. Que possamos construir uma comunidade de aprendizes que contribua para o desenvolvimento de uma consciência crítica e respeitosa diante a diversidade.

Acreditamos na música como contribuinte para a formação integral do ser, sendo uma possibilidade de desenvolvimento pleno para todas as pessoas, sem discriminação por gênero, deficiência, transtorno, orientação sexual, raça ou classe social, contemplando assim as diferenças e a diversidade humana.

Ambientes de ensino e aprendizagem musical anticapacitistas não apenas se tornam aliados, como também transformam, preparam todas os envolvidos para viver em uma comunidade de aprendizes mais diversa. A inclusão só será possível a partir da implementação das ações anticapacitistas, pois estas transformam não só o ambiente de ensino e aprendizagem, como toda a sociedade, criando condições para termos esperança em um futuro diferente, não violento e que acolha a diversidade.

Entretanto, esperamos ter lançado pequenos focos para pensar e refletir a Educação Musical na diversidade numa perspectiva inclusiva, buscando, assim, alimentar essas discussões e reflexões sobre a deficiência e o capacitismo sob perspectivas mais abrangentes.



## Referências

BORGES, Yarana Ester de Campos; NOLETO, Rafael da Silva. Os estudos de gênero, raça, sexualidade e capacitismo: uma reflexão sobre os temas que atravessam a minha história. *In*: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA, 31., 2021, João Pessoa. *Anais...* João Pessoa: ANPPOM, 2021. p. 1-8. Disponível em: <https://anppom-congressos.org.br/index.php/31anppom/31CongrAnppom/paper/viewFile/928/534>. Acesso em: 28 jul. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. *Diretrizes nacionais para a educação especial na educação básica*. Brasília: MEC; Seesp, 2001. 79 p. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/diretrizes.pdf>. Acesso em: 12 jul. 2023.

FAGUNDES, Flávia Maiara Lima. Deficiência e capacitismo: reflexões sobre a inclusão na aula de música. *Debates*, Rio de Janeiro, v. 26, n. 2, p. 121-132, 2022.

hooks, bell. *Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática*. Tradução Bhuvi Libanio. São Paulo: Elefante, 2020. 288 p.

IGNARRA, Carolina; SAGA, Billy. *Manual Anticapacitista: o que você precisa saber para se tornar uma pessoa aliada contra o capacitismo*. São Paulo: Editora Jandaíra, 2023. 159 p.

JONASSON, Rodolfo. A perspectiva anticapacitista na iniciação musical: um relato de experiência no ensino de música para uma criança com síndrome de down. *In*: CONGRESSO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 25., 2021, [online]. *Anais...* São Paulo: ABEM, 2021. p. 1-12. Disponível em: <http://abem-submissoes.com.br/index.php/xxvcongresso/2021/paper/viewFile/817/459>. Acesso em: 28 jul. 2022.

LORETO, Luiz Carlos. *Capacitismo: o que é isso?*. [S.l.: s.n.], 2021. 84 p.

MAIOR, Izabel Maria Madeira de Loureiro. Movimento político das pessoas com deficiência: reflexões sobre a conquista de direitos. *Inclusão Social*, Brasília, DF, v. 10, n. 2, p. 28-36, jan./jun. 2017. Disponível em: <http://revista.ibict.br/inclusao/article/view/4029>. Acesso em: 24 fev. 2022.

MARCO, Victor Di. *Capacitismo: o mito da capacidade*. Belo Horizonte: Letramento, 2020. 80 p.

MELO, Danielly Cabral de Oliveira; FAGUNDES, Flávia Maiara Lima. Reflexões sobre educação musical, inclusão e anticapacitismo: a experiência no projeto de extensão de expressão musical. *In*: Congresso



da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música, 25., 2021, [online]. *Anais...* São Paulo: ABEM, 2021. p. 1-12. Disponível em: <http://abem-submissoes.com.br/index.php/xxvcongresso/2021/paper/viewFile/1095/701>. Acesso em: 28 jul. 2022.

SEGALLA, Juliana Izar Soares da Fonseca. *Inclusão não é favor nem bondade*. São Paulo: Matrioska, 2021. 114 p.

